



PSICOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN

ADOLESCENTES AMBLÍOPES: AS RELAÇÕES COM AS FIGURAS PARENTAIS E PARES

Elisabete Pinheiro Alves Mendes Fonseca
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

RESUMO

Para um jovem com deficiência visual severa, como é o caso da ambliopia, o período da adolescência pode ser particularmente difícil. O desenvolvimento afectivo destes jovens depende das atitudes das pessoas significativas e do ambiente relacional que essas pessoas lhes proporcionam.

Para este estudo foram definidos os seguintes objectivos: estudar a dinâmica das relações familiares em adolescentes amblíopes; analisar as relações/ligações que estabelecem com os seus pais e grupo de pares.

Os dados foram colhidos através do IPPA – Inventory of Parent and Peer Attachment e do FRT – Family Relations Test, aplicados a adolescentes amblíopes e adolescentes normovisuais (grupo de controle).

Os resultados evidenciaram: a relação/ ligação dos adolescentes aos seus pares não é influenciada pelo facto do adolescente ser amblíope; a segurança emocional das relações de vinculação e confiança com a mãe é maior nos adolescentes amblíopes do que nos adolescentes normovisuais, mas não há diferença significativa ao nível da comunicação e alienação. Em relação ao pai não se registaram diferenças significativas entre os dois grupos nas dimensões estudadas; os adolescentes amblíopes são mais defensivos, e por isso menos desinibidos e menos espontâneos relativamente à emissão de sentimentos negativos dirigidos à família; os adolescentes amblíopes têm a percepção de maior sobreindulgência materna.

As oportunidades de interacção com o meio físico e social devem decorrer dentro do contexto natural de desenvolvimento/aprendizagem. Devem ser iniciadas na primeira infância com programas de formação para pais e educadores.

Palavras-Chave: Adolescentes Amblíopes; Relações; Figuras Parentais; Pares.



ADOLESCENTES AMBLÍOPES: AS RELAÇÕES COM AS FIGURAS PARENTAIS E PARES

ABSTRACT

To a young person with severe visual impairment, like the case of amblyopia, the adolescence period can be particularly difficult. The affective development of these young persons depends of the attitudes of significant people and of the relational environment that these people provide for them.

The following aims were defined for this study: To examine the dynamics of family relationships in amblyope young people; To analyse the relationships/connections established with their parents and peers.

Data was gathered through IPPA – Inventory of Parent and Peer Attachment – and FRT – Family Relations Test – applied to amblyope young people and normal visual people (control group).

The results showed the relation/connection of adolescents to their peers is not influenced by the fact of the adolescent being amblyope; the emotional security of linkage and confidence relationships with the mother is greater in amblyope adolescents than in normal visual adolescents, but there is no significant difference at the level of communication and alienation. In relation to the father no significant differences in the studied dimensions between the groups were recorded; amblyope adolescents are more defensive and therefore less uninhibited and less spontaneous in relation to the emission of negative feelings towards the family; amblyope adolescents have a greater perception of maternal overindulgence.

The opportunities of interaction with the physical and social environments should happen inside the natural context of development/learning. They should be initiated in the first childhood with parents and educator training programs.

Keywords: Amblyope adolescents; Relationships; Parental figures, Peers.

INTRODUÇÃO

Todo o desenvolvimento humano é dotado de transição e continuidade, pese embora o ritmo e a natureza das mudanças evolutivas sejam variadas. Os períodos de estabilidade são mediados por momentos de rápidas mudanças tornando possível distinguir, entre uns e outros, segmentos evolutivos.

A adolescência é um desses segmentos no qual o ritmo de mudança é muito marcado. As alterações físicas são uma grande preocupação e a imagem do corpo está em foco de um modo mais intenso do que em qualquer outro estágio de desenvolvimento. Formam-se relações com os pares, e a associação a grupos e entre indivíduos é muito forte.

A família deixa de ser o espaço privilegiado para estabelecer as suas interações e aos olhos do adolescente, a dinâmica familiar assume outra perspectiva. A relação com os pais é agora mais problemática, mas os laços emocionais não deixam de ser importantes. São as relações afectivas com a família e com os amigos que constituem a verdadeira fonte de suporte do adolescente e que o ajudam a construir a sua identidade.

Cada adolescente é único na forma como realiza o seu desenvolvimento, mas os adolescentes não querem ser diferentes. Qualquer incapacidade ou doença física pode adicionar mais problemas a um período de ajustamento, que por si só, já é confuso.

Para um jovem com deficiência visual severa, como é o caso da ambliopia, o período da adolescência pode ser particularmente difícil. O desenvolvimento afectivo destes jovens depende das atitudes das pessoas significativas e do ambiente relacional que essas pessoas lhes proporcionam. Mas



PSICOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN

como é que o adolescente ambliope percepção a dinâmica da sua família? Que relações estabelece com as figuras parentais e pares?

Incidindo nas questões formuladas este estudo teve como objectivos:

- Estudar a dinâmica das relações familiares em adolescentes ambliopes
- Analisar as relações/ligações que estabelecem com os seus pais e grupo de pares

Apesar das componentes psicológicas e fisiológicas fundamentais terem existido sempre no indivíduo jovem, nem sempre foram reconhecidas as características específicas da adolescência. No entanto, foram os adolescentes de épocas remotas que serviram como meios de validação das actuais perspectivas psicológicas sobre a adolescência.

A noção de adolescência não se encontra em todas as sociedades e a própria terminologia utilizada para esta faixa etária é diversa. Nalgumas sociedades e sub-culturas o processo de socialização acontece de forma gradual e progressiva, porém, noutras, a aprendizagem de diferentes papéis sociais e o domínio das diferentes aptidões, exigidas muitas vezes em horizontes temporais relativamente curtos, tornam a adolescência mais precoce.

As alterações comportamentais, sociais, fisiológicas e psicológicas que ocorrem na adolescência processam-se de forma gradual e fundamentalmente individual, isto é, cada jovem irá viver estes anos de transição entre a infância e a fase adulta de uma forma diferente de outros jovens, pois não existem padrões de desenvolvimento e crescimento. Todo o período da adolescência é marcado pelo conceito de desenvolvimento, já que as diversas transformações são acompanhadas por tarefas desenvolvimentais.

Claes (1990:52) refere-se a Gesell, Lewin, Erikson e Blos como sendo alguns psicólogos que adoptaram o conceito de tarefa desenvolvimental, e defende que "as modificações da adolescência marcam sucessivamente quatro esferas do desenvolvimento: o corpo, o pensamento, a vida social e a representação de si. Segundo Sprinthall e Collins (1999:57), "todos os adolescentes passam pelos fenómenos segundo a mesma sequência, apesar de terem, frequentemente, idades diferentes".

Estudos desenvolvidos por Siegel (citado em Carretero, 1998), dão-nos conta do impacto que as transformações físicas têm sobre os adolescentes. Siegel revela que o desenvolvimento cognitivo que ocorre nesta fase da vida faz com que o jovem tome mais consciência e interesse pelos aspectos relacionados com o próprio corpo. É também no início desta etapa que, a maioria dos adolescentes estão mais interessados na sua aparência física, mais do que por qualquer outro aspecto sobre si mesmos. Ao referir-se a este aspecto Claes (1990:77) considera que "as transformações físicas constituem um factor central na construção da personalidade adolescente".

Dentro das tarefas desenvolvimentais da adolescência a construção da identidade do Eu é considerada a mais importante. É na adolescência que o indivíduo começa a reconhecer-se como indivíduo distinto, único e separado de todos os outros.

Foi Erikson o teórico responsável por realçar a caracterização da adolescência como um período de auto-definição e formação da identidade, ultrapassando a perspectiva psicanalítica clássica, ao focar o processo de regulação mútua entre o indivíduo e o meio ambiente. A íntima relação entre adolescência e identidade está ligada ao facto de ser neste período que o desenvolvimento físico, psicológico e social se conjugam para permitir ao indivíduo a formação de uma identidade. (Erikson, 1972).

A moderna civilização industrial e a crescente complexidade das sociedades têm produzido diferenciação nas estruturas societárias dos adolescentes.

Os espaços de transmissão dos valores e do comportamento individual e social são pautados por uma relação determinante entre família e sociedade, pese embora, a sociedade industrial assuma



ADOLESCENTES AMBLÍOPES: AS RELAÇÕES COM AS FIGURAS PARENTAIS E PARES

muitas funções, antes consideradas exclusivas da família, como sendo a educação dos jovens agora também efectuada pela escola, pelos pares e pelos meios de comunicação de massa.

Os diferentes contextos constituídos pela família e amigos, entre outros, conduzem o adolescente a enfrentar e desempenhar novos papéis. Se por um lado a cultura familiar tem influência no desempenho de papéis e na regulação das tarefas de desenvolvimento, por outro, o grupo de pares torna-se na adolescência o principal agente socializador. O adolescente precisa de se libertar do domínio exercido pela família. Esta emancipação implica desenvolver relacionamentos sociais que contribuam para que ele identifique o seu papel na sociedade. De facto, e tal como sublinha Minuchin (1990), a família é a matriz do desenvolvimento psicossocial dos seus membros, e é no processo inicial de socialização que o comportamento e o sentido de identidade da criança são modelados e programados, não obstante, o sentido de identidade individual seja influenciado pela pertença a diferentes grupos.

Porque a adolescência é um período de transição entre a infância e a idade adulta, as vinculações da infância (estabelecidas basicamente na relação mãe/filho) deixam de se restringir à família para passarem a incluir o relacionamento com os pares.

A maturação sexual e a crescente complexidade nas capacidades físicas e cognitivas estão subjacentes a um processo que faz o adolescente “quebrar a dependência infantil e o conduz ao mundo social extra-familiar. Para os filhos significa buscar a autonomia, aventurar-se fora da matriz familiar, sem no entanto cortar abruptamente com os laços familiares e o suporte que eles lhes fornecem.” (Relvas, 1996:156).

Os ambientes primários que até aqui apoiavam a criança tendem a afastar-se. A emancipação da tutela parental é feita através de uma substituição gradual dos pais por novas figuras de socialização – o grupo de pares.

É o grupo de pares que “proporciona parte da segurança e ligação emocional que o adolescente necessita” Relvas (1996:180), apesar de se poder pensar que, em primeira instância, isso seria uma função da família. No entanto, o grupo completa esta função porque sendo mais neutro e mais aberto dá respostas diferentes, proporcionando ao adolescente o suporte que ele necessita exterior à família. O grupo torna-se assim um contexto relevante no evoluir adolescente.

Contrariamente às relações assimétricas que um jovem estabelece com os adultos em virtude de status diferentes, as relações entre iguais caracterizam-se pela simetria por terem uma base de igualdade, cooperação e reciprocidade.

O processo de independência implica transformação, mas não necessariamente ruptura, e é geralmente atravessado pela regulação do poder na família. Figueiredo (1985), chama a atenção para o facto da progressiva capacidade de afirmação e oposição no adolescente ser imprescindível para que, mais tarde, seja capaz de exercer o poder e autoridade nas funções familiares e sociais.

A adolescência é invariavelmente associada à ideia de plenitude de saúde e força física pelo que, para o indivíduo com deficiência visual, a puberdade e a adolescência constituem etapas de vida algo problemáticas. Qualquer deficiência de que o adolescente seja portador interfere no senso de domínio e de controle sobre o seu corpo agora em mudança. Além do cumprimento das “tarefas” habituais para o seu desenvolvimento integral enfrenta ainda uma outra: a de integrar a sua deficiência física no autoconceito em constante modificação.

A situação de uma criança com deficiência visual é, desde o início, caracterizada pela sua maior dependência em relação aos outros, por uma limitação das possibilidades de conhecimento e pela ausência de uma série de vivências estéticas fundamentadas numa base óptica, que Hetzer (s.d.) considera serem devidas à inibição na conquista do espaço exterior e a uma capacidade consideravelmente limitada em contactar pessoas e objectos.



PSICOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN

Estudios efectuados com crianças deficientes visuais (Van Hasselt, Steward e Simon, 1983 – 1987), citados por Verdugo (1996), permitiram concluir que estas apresentavam um pobre funcionamento social, tendo sido observado um menor número de interações sociais com os pares, deficiências nas habilidades verbais (perturbações da fala) e não verbais (contacto ocular, utilização de gestos expressivos, postura e aparência geral) e dificuldade na interação social.

O adolescente com deficiência visual, confrontado com a ausência de uma das mais importantes actividades sensoriais produz naturalmente estagnações. As dificuldades de contacto e a atitude negativa perante o mundo, característica da puberdade, trazem por vezes como consequência uma oposição titânica à deficiência, que o jovem responsabiliza por todas as limitações a que se encontra sujeito. (Hetzer, s.d.)

Todos os adolescentes que são portadores de deficiência podem encontrar ambientes familiares que diferem em variados aspectos daqueles que são habituais aos adolescentes saudáveis. O seu desenvolvimento afectivo depende em grande medida das atitudes da família e do interesse em potenciar o sujeito como um ser humano independente.

Wong (1989) e também Thompson (1996), desenharam uma reacção cíclica comum entre os pais e a criança e jovem com deficiência em que pais ressentidos, hostis e frustrados com comportamentos de superprotecção e elevada permissividade e indulgência promovem para os seus filhos maior insegurança tornando-os mais dependentes, exigentes e imaturos, vivendo estes centrados na doença.

É particularmente na adolescência que o indivíduo se torna mais vulnerável às tensões emocionais provocadas por uma deficiência, visto que a aparência, as aptidões e as habilidades são muito valorizadas pelos pares. Estudos citados por Huurre e Aro (1998) demonstram que a vulnerabilidade está aumentada. O período da adolescência pode causar uma certa dose de ansiedade para as pessoas com deficiência visual, que se vêm confrontadas não apenas com as mudanças desenvolvimentais, mas também com o aumento de tensão devido ao seu handicap físico. Os jovens com deficiência visual parecem ser socialmente mais isolados e ter poucos amigos. Uma aparência mal dotada pode constituir desvantagem na obtenção pessoal de uma posição de prestígio social entre os pares.

MÉTODOS

Neste estudo partiu-se do pressuposto que existem diferenças na relação/ligação com os pais e grupo de pares, bem como na dinâmica da relação familiar, consoante os adolescentes sejam amblíopes ou não, assumindo-se como hipóteses:

- 1 O facto dos adolescentes serem amblíopes influencia a relação/ligação com as figuras parentais e pares.
- 2 Os adolescentes amblíopes percebem a dinâmica da sua família de forma diferente relativamente aos adolescentes normovisuais.

Foi conduzido em meio natural, e os grupos (estudo e controlo) foram seleccionados tendo em conta as categorias das variáveis dependentes. Considerámos a faixa etária dos 10 -15 anos por ser durante este período que decorrem as mais importantes alterações físicas e cognitivas que, por sua vez inseridas em contextos como a família, grupo de pares e meio escolar são especialmente significativas para o desenvolvimento do potencial individual.



ADOLESCENTES AMBLÍOPES: AS RELAÇÕES COM AS FIGURAS PARENTAIS E PARES

Comparámos adolescentes amblíopes e adolescentes normovisuais. Como instrumentos de colheita de dados utilizámos um questionário de caracterização sócio-demográfica: o IPPA — Inventory of Parent and Peer Attachment e FRT — Family Relations Test que vão identificar respectivamente a segurança emocional das relações de vinculação, através de três sub-escalas (confiança, comunicação e alienação) (IPPA) e a dinâmica da relação familiar (FRT).

A amostra populacional do nosso estudo foi seleccionada de forma não probabilística e acidental. Foram observados 22 (vinte e dois) elementos numa Consulta de Oftalmologia com idade compreendida entre 10-15 anos. Estabeleceu-se como critério de exclusão a presença de doenças que pudessem por em causa o nível de comunicação entre investigador e sujeitos, nomeadamente patologias do foro neurológico.

A amostra total é constituída por 40 (quarenta) inquiridos: 20 (vinte) no grupo de estudo e igual número no grupo de controle.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

As famílias destes adolescentes têm sentimentos ambivalentes que oscilam entre a hostilidade declarada e a sobreindulgência e sobreprotecção, aliás claramente percebidas pelos sujeitos.

Estes aspectos tomam consistência não nos “números”, mas tão somente nas muitas histórias de vida (algumas impressionantes) que nos foram reveladas de forma espontânea pelos adolescentes, a maioria, felizmente, cheios de orgulho pela família que têm, outros porém carregados de angústia, mas conscientes da necessária dependência da família em função da idade, em particular do seu handicap, impedindo-os de reclamar vigorosamente a sua autonomia e individualidade.

Podemos então afirmar que o adolescente amblíope experiencia em relação aos pares sentimentos positivos de confiança e segurança, mas também sentimentos de alienação, porventura devido à percepção de figuras nem sempre acessíveis ou disponíveis.

A aplicação do IPPA relativamente aos Amigos revelou que os adolescentes de ambos os grupos apresentaram resultados muito semelhantes em todas as dimensões, não existindo diferenças significativas entre os dois grupos.

Quadro1— Resultados da comparação das sub-escalas do “IPPA” relativamente aos Amigos conforme o grupo (teste U de Mann-Whitney).

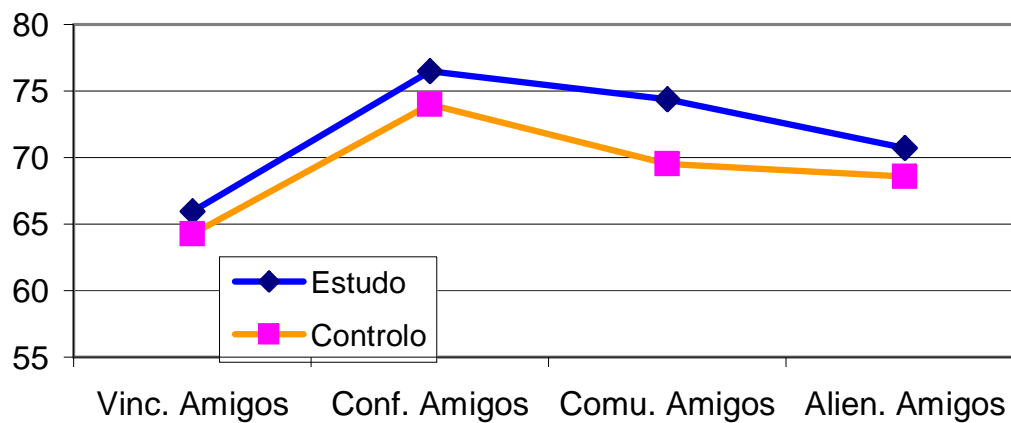
Grupo	Estudo	Controlo	Mann-Whitney U	Significância
IPPA	Média ordinal	Média ordinal		
Vinculação	20.88	20.13	192.50	0.841
Confiança	21.25	19.75	185.00	0.698
Comunicação	21.95	19.05	171.00	0.445
Alienação	21.67	19.33	176.50	0.529

* significativo ($p < 0.05$), ** muito significativo ($p < 0.01$), *** altamente significativo ($p < 0.001$)



PSICOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN

Gráfico 1 — Comparação dos resultados médios das sub-escalas do “Inventory of Parent and Peer Attachment” relativamente aos Amigos



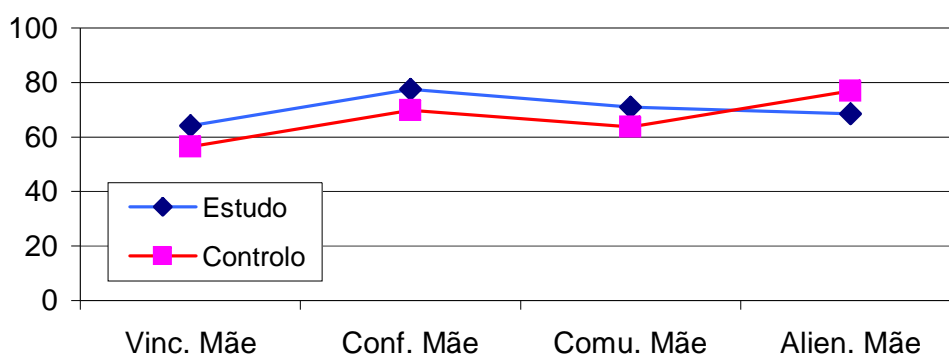
Algo diferente se verifica no que se refere às relações/ligações com as figuras parentais, em particular com a mãe, tal como evidenciam os resultados obtidos através da aplicação do IPPA. De facto constatámos diferenças muito significativas ao nível da vinculação e significativa ao nível da confiança em relação à mãe. Não se verificaram diferenças na comunicação e na alienação.

Quadro 2 — Resultados da comparação das sub-escalas do “IPPA” relativamente à Mãe (teste U de Mann-Whitney).

IPPA	Grupo	Estudo Média ordinal	Controlo Média ordinal	Mann-Whitney U	Significância
Vinculação		26.00	15.00	90.00	0.002**
Confiança		24.45	16.55	121.00	0.033*
Comunicação		22.95	18.05	151.00	0.192
Alienação		18.20	22.80	154.00	0.221

* significativo ($p < 0.05$), ** muito significativo ($p < 0.01$), *** altamente significativo ($p < 0.001$)

Gráfico 2 — Comparação dos resultados médios das sub-escalas do “Inventory of Parental and Peer Attachment” relativamente à Mãe.





ADOLESCENTES AMBLÍOPES: AS RELAÇÕES COM AS FIGURAS PARENTAIS E PARES

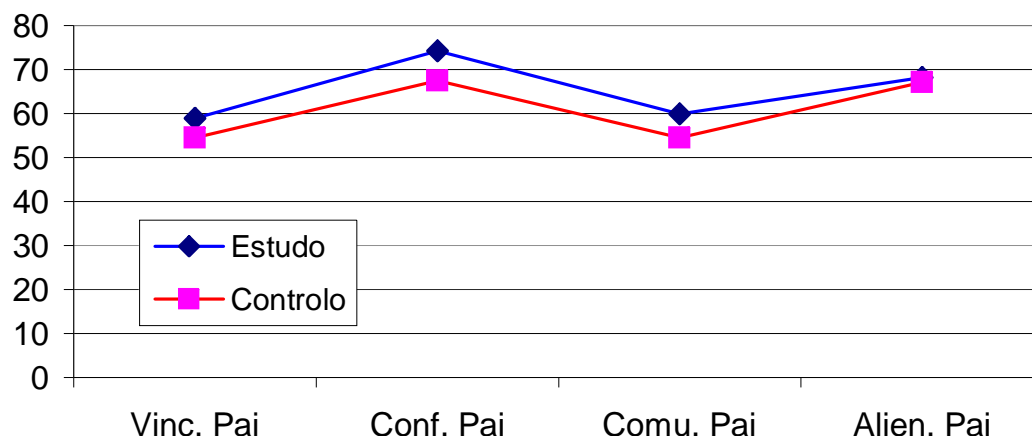
Não deixam de ser interessantes os resultados obtidos em relação ao pai: não houve diferenças significativas em nenhuma dimensão estudada. Não obstante, as médias ordinais verificadas no grupo de estudo apresentam valores superiores em todas as dimensões, e curiosamente muito próximas dos valores obtidos em relação à mãe.

Quadro 3— Resultados da comparação das sub-escalas do “IPPA” relativamente ao Pai (teste U de Mann-Whitney).

Grupo IPPA	Estudo Média ordinal	Controlo Média ordinal	Mann-Whitney U	Significância
Vinculação	22.00	15.83	114.00	0.086
Confiança	22.37	15.44	107.00	0.053
Comunicação	20.00	17.94	152.00	0.578
Alienação	19.16	18.83	168.00	0.940

* significativo ($p < 0.05$), ** muito significativo ($p < 0.01$), *** altamente significativo ($p < 0.001$)

Gráfico 3 — Comparação dos resultados médios das sub-escalas do “Inventory of Parent and Peer Attachment” relativamente ao Pai



A deficiência visual não confere ao jovem uma personalidade distinta e qualquer comportamento peculiar da sua parte pode ser provocado por uma influência negativa do meio (Hetzer, s.d.), em particular do meio familiar, cujas convenções determinam as reacções do adolescente. Admitimos assim que, no contexto estudado, não parece haver um nexo causal entre a deficiência dos jovens e a reacção afectiva da família.

Estas representações subjectivas sobressaiem apenas dos resultados médios obtidos com o FRT já que só em três dos quarenta e sete rácios calculados se verificou diferença estatisticamente significativa, mais precisamente no grupo de itens que permite avaliar a dependência (sobreprotecção materna e sobreindulgência materna e paterna).



PSICOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN

Admitimos que estes adolescentes, tendo consciência da sua deficiência e das limitações por ela imposta e tendo maior segurança emocional nas relações de vinculação e confiança com a mãe, também tenham a percepção que é dela que recebem mais protecção e indulgência.

No entanto, não deixam de ser notáveis as semelhanças encontradas nos dois grupos de adolescentes. A forma como os adolescentes amblíopes percebem a dinâmica das relações nas suas famílias pode ser um bom indicador da atitude positiva das diferentes figuras familiares, que os consideram como adolescentes antes que como deficientes, sendo um factor fundamental para o seu adequado desenvolvimento psicológico.

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos evidenciaram nos adolescentes amblíopes maior segurança emocional nas relações de vinculação e confiança com a mãe, percebendo-a como a figura familiar mais indulgente.

A multiplicidade de variáveis psicológicas que interferem no comportamento humano também elas presentes neste estudo, e o pequeno número de sujeitos inquiridos apenas nos permitem entender os resultados no contexto a que se referem. É possível que as condições de ruralidade em que todos estes jovens se inserem, bem diferentes do quotidiano dos grandes centros, tenham contribuído para os resultados encontrados.

Parece não haver qualquer fundamento para se admitir que a deficiência visual provoque nos jovens reacções especiais, mas não deixam de ser necessárias condições óptimas de ambiente que permitam que o desenvolvimento psíquico destes jovens se processe sem desvios.

A gravidade objectiva da deficiência é menos decisiva para o desenvolvimento destes adolescentes do que as atitudes subjectivas dele próprio, da sua família e dos pais.

Pensamos que algum trabalho poderá e deverá ainda ser feito com estes jovens, famílias e educadores, como medida profiláctica a um inadequado desenvolvimento psicológico.

As oportunidades de interacção com o meio físico e social devem decorrer dentro do contexto natural de desenvolvimento/aprendizagem e devem ser iniciadas na primeira infância com programas de formação para os pais e educadores.

É preciso consciencializar os pais das consequências desfavoráveis de comportamentos de sobreprotecção e sobreindulgência, apesar da necessária garantia de um ambiente acolhedor, tranquilo e seguro.

No início e durante toda a adolescência estes jovens requerem atenção especial, proporcionando-lhes condições que permitam uma adequada socialização. A educação e acompanhamento do adolescente amblíope não deve ser uma educação dirigida para viver com a deficiência, mas para corrigir funcionalmente essa deficiência e para se integrar activamente na sociedade.

BIBLIOGRAFIA

AINSWORTH, M. (1976). — Relações objectais, dependência e vinculação: uma análise teórica das relações da criança com a mãe. In: SOCZKA, Luis – As ligações infantis. Lisboa: Bertrand.



ADOLESCENTES AMBLÍOPES: AS RELAÇÕES COM AS FIGURAS PARENTAIS E PARES

- ARMSDEN, Gay; GREENBERG, Mark. (1987). — Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA). Seattle: University of Washington. WA 98195-1525.
- BENE, E.; ANTHONY JAMES. (1985). — Family Relations Test – Children's Version. Revised Manual by Eva Bene. Londres: The Nfer-Nelson Publishing.
- CARRETERO, Mario et al. (1998). — Psicología Evolutiva – Adolescencia, madurez y senectud. Madrid: Alianza Editorial.
- CLAES, Michel. (1990). — Os Problemas da Adolescência. 2ª ed., Lisboa: Verbo.
- COLEMAN, J. C. (1985). — Psicología de la Adolescencia. Madrid: Morata.
- ERIKSON, Erik H. (1972). — Adolescence et crise. Paris : Flammarion.
- FIGUEIREDO, Bárbara. (1998). — Maus tratos à criança e ao adolescente (II): Considerações a respeito do impacto desenvolvimental. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia.
- FIGUEIREDO, E. (1985). — No Reino de Xantum. Os jovens e o conflito de gerações. Porto: Ed. Afrontamento.
- HETZER, Hildegard. (s.d.). — Psicología Pedagógica. (2ª ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- HUURRE, T. M.; ARO, H. M. (1998). — Psychosocial development among adolescents with visual impairment. European Child & Adolescent Psychiatry. Vol. 7. Nº 2, 1998, pag. 73-78.
- MOLLER, Marilyn A (1993). — Working with visually impaired children and their families. Pediatric Ophthalmology. Vol. 40, Nº 4, pag. 881-890.
- JANUS M. ; GOLDBERG S. (1995). — Sibling empathy and behavioural adjustment of children with chronic illness. Child: care, health and development. Toronto: Vol. 21, Nº 5. pag. 321-331.
- MINUCHIN, Salvador (1990). — Famílias – Funcionamento e Tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MOLLER, Marilyn A. (1993). — Working with visually impaired children and their families. Pediatric Ophthalmology. Vol. 40. Nº 4. pag. 881-890.
- RELVAS; Ana Paula (1996). — O Ciclo Vital da Família. Perspectiva Sistémica. Porto: Edições Afrontamento
- SPRINTHALL, Norman A.; COLLINS, W. Andrews (1999) — Psicología do Adolescente: Uma Abordagem desenvolvimentalista. (2ª ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- THOMPSON, Eleanor D.; ASHWILL, Jean W. (1996). — Uma Introdução à Enfermagem Pediátrica. (6ª ed). Porto Alegre: Artes Médicas.

Fecha de recepción: 1 Marzo 2008
Fecha de admisión: 12 Marzo 2008